
“MERLEAU-PONTY, ARTE E FILOSOFIA: UM ESTUDO ESTÉTICO NAS OBRAS DE CÉZANNE”

Carolina Da Silva Ferrarezi¹

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar e investigar o entrelaçamento existente entre arte e filosofia, revelando como as obras do pintor Cézanne emergem na proposta estética presente no pensamento do filósofo Merleau-Ponty. A arte evoca um estado de reflexão no indivíduo, fazendo com que o mesmo questione sua maneira de ser-no-mundo, envolvendo o homem em um processo de humanização e aprendizado. Assim como os textos filosóficos propõe indagações existenciais, a arte também nos proporciona esses questionamentos, possibilitando a expressão do artista e o acesso mais íntimo com a alma humana. A expressão artística do pintor representa um movimento libertador de um projeto que estará sempre inacabado, pois apesar de a arte estar dentro de uma proposta estética, a sua conexão com outrem é subjetiva e inesgotável. Cézanne movido pela sensibilidade, sem abandonar a sua racionalidade, nos proporciona um momento único do mundo, um espetáculo de que participamos sem perceber, pinta algo que nunca foi pintado, torna visível o que estava invisível, por meio da visibilidade do gênio. No texto intitulado: “A Dúvida de Cézanne”, Merleau-Ponty se lança nos mistérios da vida e obra do artista, revelando a concepção estética presente em suas pinturas. Ao nos debruçarmos sobre esse texto e em contato com a filosofia merleau-pontiana que nos apresenta o retorno ao mundo da percepção e o movimento do invisível que se torna visível, podemos compreender a relação existente entre o filósofo e o pintor, porque Cézanne parece antever em seus quadros alguns conceitos filosóficos obtidos, posteriormente, por Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Estética. Merleau-Ponty. Cézanne.

ABSTRACT

This research aims to analyze and investigate the existing interweaving between art and philosophy, revealing how the works of the painter Cézanne emerge in the aesthetic proposal

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Este artigo teve o apoio do PIVIC Mackenzie.

present in the thought of the philosopher Merleau-Ponty. Art evokes a state of reflection in the individual, making him question his way of being-in-the-world, involving man in a process of humanization and learning. Just as philosophical essays propose existential inquiries, art also gives us these questions, enabling the expression of the artist and the more intimate access to the human soul. The artistic expression of the painter represents a liberating movement of a project that will always be unfinished, because although the art is within an aesthetic proposal, its connection with another is subjective and inexhaustible. Cézanne moved by sensibility, without abandoning his rationality, gives us a unique moment of the world, a spectacle of which we participate without realizing, paints something that was never painted, makes visible what was invisible, through the visibility of the genius. In the text entitled "The Doubt of Cézanne", Merleau-Ponty launches into the mysteries of the artist's life and work, revealing the aesthetic conception present in his paintings. As we look at this text together with the Merleau-Pontian philosophy that presents us with the return to the world of perception and the movement of the invisible that becomes visible, we can understand the relation between the philosopher and the painter, as Cézanne seems to foresee in his paintings some philosophical concepts obtained, later, by Merleau-Ponty.

Keywords: Aesthetic. Merleau-Ponty. Cézanne.

1. INTRODUÇÃO

Merleau-Ponty nasceu em 1908, em Rochefort, uma cidade do Sul da França. Morre em 1961 subitamente em sua mesa de trabalho em Paris. Paul Cézanne, o artista no qual Merleau-Ponty se baseou para desenvolver alguns ensaios, também nasceu em uma cidade no sul da França, chamada Aix-en-Provence em 1839. Nesta cidade o pintor passa quase toda a sua vida e morre em 1906.

Embora a filosofia de Maurice Merleau-Ponty esteja vinculada ao campo da fenomenologia², sua preocupação teórica também está ligada à área das artes. Seu pensamento ultrapassa a metafísica tradicional, compreendida como uma razão dominadora. Merleau-Ponty compreende o mundo não como posse, mas como pertencimento, isto é, nós estamos inseridos significativamente no mundo, e é nele que o sujeito se reconhece.

O projeto filosófico de Merleau-Ponty se apresenta como retorno da filosofia à sua verdadeira identidade: o ser humano foi lançado em um solo original, um mundo que é inerente a sua própria condição. Não podemos sair de nós mesmos para interpretar o mundo, o nosso corpo não desempenha um mecanismo passivo ao se relacionar com ele. Nosso corpo, compreendido como um corpo cognoscente, não se desvincula entre corpo e pensamento, ele é o princípio para nos conectar e perceber os mistérios da existência mundana. (MERLEAU-PONTY, 2017).

A arte tem estado sempre presente na existência humana, acompanhando todo o seu processo histórico e cultural. Desde a maneira mais rudimentar de comunicação dos homens das cavernas, até as produções da arte contemporânea, lançado em um mundo aparentemente desconhecido, o homem possui uma necessidade de exteriorizar o vazio de sua existência, de demonstrar as suas percepções sobre o mundo em forma de expressão artística. A arte cria movimentos em suas obras, que fazem com que os homens se humanizem ao serem tocados por ela. Em um sentido metafórico, a arte colabora para despertar o homem do seu silêncio existencial, ou seja, trazê-lo para a sua tarefa de vivenciar significativamente o seu estar no mundo.

² Fenomenologia - é o estudo dos fenômenos e como se manifestam, seja, por meio, do tempo ou do espaço. Consiste em investigar a essência das coisas e como são percebidas no mundo. A palavra fenômeno surgiu a partir do grego, que significa aquilo que se apresenta ou que se mostra. O filósofo alemão Edmund Husserl foi o criador desse método fenomenológico, desenvolveu o princípio da intencionalidade, que é base da fenomenologia, significa que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, estando sempre dirigida a um objeto. (SIGNIFICADOS, 2018).

Daí a importância de pesquisarmos os fundamentos do processo de criação artística e sua relação com a filosofia.

O movimento da arte como expressão da existência está presente em diferentes expressões artísticas, seja, pelos pintores nos quadros, no teatro, na dança, na música, ou no cinema. O contato com a arte é a porta para nos conectarmos e refletirmos sobre o mundo e o nosso papel significativo nesta existência.

De qualquer modo, fica perfeitamente claro que o objetivo de toda arte – a menos, por certo, que ela seja dirigida ao “consumidor”, como se fosse uma mercadoria – é explicar ao próprio artista, e aos que o cercam, para que vive o homem, e qual é o significado da sua existência. Explicar às pessoas a que se deve sua aparição neste planeta, ou, se não for possível explicar, ao menos propor a questão. (TARKOVSKI, 2010, p. 38)

A arte desempenha um papel fundamental no processo de humanização do indivíduo, pois o contato com a mesma possibilita que o homem realize conexões com sua própria história, podendo expressar-se de maneira espontânea e refletir sobre seus sentimentos e sua condição no mundo.

O início do presente século tem como Espírito de Época (*Zeitgeist*) a dominação dos entes pela técnica, a qual prejudica o amadurecimento da reflexão, bem como, o exercício da consciência crítica, que se conhece e se reconhece no mundo. A tecnologia ganha destaque, e, em contraste com essa suposta “evolução tecnológica”, o sentir, que representa a experiência de expressar nossos sentimentos, nos relacionar com o mundo e com as pessoas, foi soterrado, por assim dizer.

Quando o ser humano não consegue vivenciar a experiência do sentir, que é o movimento de exteriorizar suas emoções, ocorre um afastamento daquilo que nos humaniza, gerando problemas psíquicos desastrosos ao indivíduo. Por isso, a relevância de refletir e investigar a sensibilidade estética no pensamento do filósofo francês, vinculado à arte de seu compatriota. O contato com o campo estético produz um movimento de refletir sobre nossa existência e como nos relacionamos com o mundo e com o outro.

A estética surge com a finalidade de analisar a arte, estudar e questionar essas expressões intensas do humano. Uma forma de enxergar além da imagem, um exercício filosófico constante. No processo histórico, quando o artista ganha autonomia da criação, pode refletir e questionar diferentes temas do mundo e de como nos relacionamos com ele. O artista se vê como sujeito de si mesmo, fazendo com que a arte fique livre de amarras deterministas e possa se libertar para expressar as diferentes experiências de estar no mundo. Cézanne cita, “O que tento traduzir-vos é

mais misterioso, emaranha-se nas próprias raízes do ser, na fonte impalpável das sensações”, (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 85).

O ensaio estético feito por Merleau-Ponty sobre as obras de Cézanne que pretendemos analisar neste artigo traz uma indagação sobre a expressão artística do pintor. Assim como a filosofia traz os questionamentos e busca uma reconciliação do homem com o mundo, a arte de certa forma também desempenha este papel, criticando o nosso conceito do real, desenvolvendo outras possibilidades da experiência de sentir e existir. O artista se lança em oceanos que estavam inexplorados. A libertação do artista permite uma ascensão da alma na busca insaciável de levar uma razão, expressar um pensamento, uma crítica por meio da sensibilidade. A arte no sentido da existência, é um projeto estético, que ultrapassa os sentidos, transpõe a dimensão artística da vida, no intuito de o belo ser um eterno vir a ser.

A mesma atitude de investigação presente na filosofia, também ocorre na realidade sensível. O entendimento da expressão artística criativa, bem como, a apreensão intuitiva da existência e a maneira como elas se entrelaçam nas relações humanas, é objeto do desvendamento do estudo estético.

Merleau-Ponty ao se lançar sobre as obras de Cézanne desenvolve um projeto estético fenomenológico, a fim de externar sua reflexão sobre o papel da arte na filosofia. Para o autor a arte ao possibilitar o acesso a uma percepção primordial do mundo, possui um estatuto ontológico. A expressão artística presente nas obras de Cézanne se entrelaça com o pensamento merleau-pontiano, ao demonstrar o movimento do invisível que se torna visível. Em outras palavras, o filósofo ao afirmar que a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, propõe uma re colocação sob o signo do olhar, sem substituir o mundo pela significação de mundo. É por meio das pinturas de Cézanne que encontraremos essa experiência de mundo vivido, que rompe as moralidades e os determinismos de qualquer natureza. É à volta ao mundo da percepção em que a arte se recoloca e reaprende a ver o mundo, momento que o espírito criador se liberta e nos permite uma experiência do sentir. (MERLEAU-PONTY, 1980).

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 O Pensamento de Merleau-Ponty

Com o objetivo de compreendermos o projeto estético de Merleau-Ponty, que irá nos revelar as indagações das pinturas de Cézanne, num primeiro momento precisamos nos ater a sua proposta fenomenológica existencial. Para compreender a nossa existência como nascimento continuado o filósofo propõe um retorno ao nosso contato primordial com o mundo dentro do campo da percepção.

Na história da filosofia observamos que, por vezes, a percepção foi pensada e determinada com um viés diferente do que Merleau-Ponty pretende demonstrar. Ao atrelar a percepção aos nossos sentidos e por constatar suas limitações sensoriais, determinaram-na como enganadora, e em face de um idealismo universal (busca por uma verdade finita) não poderiam considerá-la como meio à verdade. Desse modo, ocorre um rebaixamento de sua importância nas questões propostas pela filosofia.

Neste contexto, o intelectualismo que floresce em Descartes e se intensifica em outros filósofos racionalistas, cria as bases da filosofia voltada para um “pensamento de sobrevoo”, a razão como ordenadora e o pensamento reflexivo como “única” forma de alcançar um conhecimento verdadeiro. Merleau-Ponty ao se deparar com essa valorização da racionalidade, que separa alma e corpo, consciência e mundo, sujeito e natureza, irá demonstrar que essa ruptura não deve ser mantida.

Ao “pensamento de sobrevoo”, típico da filosofia tradicional e da ciência, Merleau-Ponty contrapõe o retorno da reflexão ao subsolo pré-reflexivo. A visão do pintor – esse “nascimento continuado” – sugere o itinerário: como em Cézanne, que procurou fixar “instantes do mundo” que suas telas continuam a nos doar. (MERLEAU-PONTY, 1980, p. VII)

Para o filósofo francês, as formulações filosóficas, por meio do sujeito epistêmico, desembocavam em um subjetivismo filosófico, ao passo que os objetos construídos pela ciência, em um objetivismo científico. Em oposição a essa dualidade entre subjetivismo e objetivismo, o filósofo irá propor um retorno à nossa condição imanente de ser no mundo. Somos uma consciência encarnada em um corpo, e é por meio dele que me relaciono e me reconheço no mundo. Não podemos reduzir uma experiência completa em recortes que nos tiram da nossa própria condição do ser. O subjetivismo e objetivismo não consideram a totalidade daquilo que somos no mundo. Por isso, se faz necessário refletirmos sobre a corporeidade, essa carne que habita e não se desvincula de uma consciência considerando sua totalidade, o sujeito que vê, vê a partir de sua própria carne, de sua experiência no mundo.

Apesar de tudo, o físico de que falo e a quem atribuo um sistema de referência é também o físico que fala. Apesar de tudo, o psiquismo de que fala o psicólogo também é o seu. Essa física do físico e essa psicologia do psicólogo anunciam que, de agora em diante, para a própria ciência, o ser-objeto não pode ser mais o próprio-ser: “objetivo” e “subjetivo” são reconhecidos como duas ordens construídas apressadamente no interior de uma experiência total

cujo contexto seria preciso restaurar com toda clareza. (MERLEAU-PONTY, 2017, p. 32)

Para o autor, de fato, não somos pensamento puro, não conseguimos sair de nós mesmos para olhar o mundo, nosso olhar está condicionado em nossa própria carne. É essa a crítica que Merleau-Ponty irá apontar ao pensamento de sobrevoo, para demonstrar que o retorno ao conhecimento primordial está no campo da percepção, a mesma que conecta o homem com o mundo.

O filósofo irá se apoiar na fenomenologia da percepção com o intuito de esclarecer a nossa relação com o mundo e com os outros. Quando estamos no mundo sem nenhuma ideia posta pela análise da reflexão, o primeiro contato ocorre, por meio das sensações. A percepção é o nosso contato original com as coisas, passando pelo sensível antes de ser um pensamento construído.

A crítica estabelecida por Merleau-Ponty, é a de que a ideia de verdade foi incrustada na filosofia (a partir de Descartes) como sendo propriedade do pensamento elaborado, desconsiderando o que o autor chama de pré-reflexão. O fato é que a nossa forma de ser no mundo é primariamente algo que sentimos, a experiência ocorre por meio do nosso corpo. O corpo tem um papel ativo, e a forma de estar no mundo, antes de sofrer uma elaboração intelectual, é algo que sentimos e vivenciamos o mundo de maneira direta. O corpo e a consciência são indissociáveis.

A recuperação da percepção é para Merleau-Ponty, de certa forma, a origem do conhecimento, do desvelamento do nosso modo de existir no mundo, pois a vida pré-reflexiva é a originária. Retornar à percepção é ir ao encontro daquilo que nos revela o mundo pela primeira vez. A percepção não trata de uma construção, mas a maneira pela qual sentimos o mundo; por isso, é primordial na nossa relação com ele, com as coisas e com os outros. A forma como percebemos o mundo é o que funda a nossa ideia de verdade. (MERLEAU-PONTY, 2011).

Estando o pensamento de Merleau-Ponty apoiado no campo da fenomenologia, o pensador elucida seu viés filosófico ao propor uma filosofia que será um projeto sempre inacabado: a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo. Para compreendermos sua linha de pensamento apresentamos alguns elementos que estão presentes em sua filosofia fenomenológica.

O esforço desse campo do conhecimento consiste em reencontrar o contato ingênuo com o mundo, não o racionalizando, mas experimentando o mundo vivido,

descrevendo-o como realmente ele é; não se trata de explicá-lo nem de analisá-lo. Por isso, é preciso utilizar o método fenomenológico, pois o sujeito está lançado em um espaço, tempo e mundo vivido. Para Merleau-Ponty, o homem é temporal e espacial, e tudo aquilo que ele sabe do mundo realiza a partir de sua visão.

A crítica que o nosso filósofo aponta ao pensamento de Descartes e Kant está no fato de os filósofos desvincularem o sujeito de sua relação com o mundo, com as coisas e com os outros. Separando o sujeito do objeto, desconsiderando que a consciência é consciência de algo. O mundo não pode ser tomado como um objeto que possuo, ele é o meio natural dos meus pensamentos e das minhas percepções. A ideia de um homem interior, que pode conhecer a si e ao outro é infundada, pois o homem está no mundo e é neste que ele se reconhece. O mundo está posto ali antes de qualquer análise que eu possa realizar. O impasse da análise reflexiva é de certa forma, ignorar a relação com o outro e com o mundo. Tornar o mundo imanente ao sujeito é não considerar a complexidade de nossa condição existencial. Devemos nos admirar perante o mesmo, o homem está em direção ao mundo, vive uma experiência, um relato e não uma reconstrução. (MERLEAU-PONTY, 2011).

Segundo Merleau-Ponty (2011), o mundo é dado ao sujeito, porque o sujeito é dado a si mesmo. O real deve ser descrito e não construído ou constituído. O exercício da reflexão é sobre um irrefletido. O método fenomenológico destaca o movimento do retorno às coisas mesmas. De acordo com Merleau-Ponty (2011), esse conceito é essencial para compreendermos a ruptura momentânea que o homem realiza entre sujeito e objeto ao racionalizar o mundo, e a necessidade da sua reconciliação.

Para explicar esse processo, precisamos compreender o “movimento da consciência”. Na relação entre sujeito e mundo, o homem ao se relacionar com o mundo concebendo os objetos separados de sua existência. Merleau-Ponty retrata que o homem acaba perdendo o encantamento com o mesmo ao racionalizá-lo. É nesse momento que as “coisas” se apresentam para a consciência, em primeira instância, separadas do homem, como se o objeto tivesse uma existência autônoma. A fenomenologia pretende demonstrar que essa ruptura é apenas aparente.

A questão é que tomar o mundo e as coisas como algo exterior ao sujeito, causa estranhamento. Pois o sujeito tem um papel ativo perante o mundo, é nele que o homem se reconhece. O indivíduo que coloca significado nas coisas, seu entrelaçamento com o mundo é indissociável, unido por uma consciência que será sempre consciência de algo, e a mesma se manifesta em um corpo encarnado que não se separa da consciência e nem do mundo.

Deste modo, a necessidade desta dualidade entre homem e objeto, consciência e mundo precisarem ser reconciliadas, demonstra que o homem está lançado em um mundo que não se desconecta de si. De fato, não temos como conceber o sujeito sem objeto, nem um objeto sem sujeito, a relação é intrínseca. O homem se conecta com o mundo e se faz nele. Para o autor o retorno às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior do conhecimento, ao qual o conhecimento sempre fala, retornando ao âmbito da percepção para compreendemos nosso contato original com o mundo.

Sabemos que as mãos não bastam para apalpar, mas só por isso decidir que nossas mãos não apalpam, pondo-as no mundo dos objetos e dos instrumentos, seria, aceitando a bifurcação do sujeito e do objeto, renunciar de antemão a compreender o sensível, e privar-nos de suas luzes. Propomos, ao contrário, para começar, levá-lo a sério. (MERLEAU-PONTY, 2017, p. 135)

Outro aspecto para compreendemos a crítica ao pensamento racionalista, que considera a reflexão uma verdade universal, está no que Merleau-Ponty chama de acesso à verdade. O autor relata que quando o sujeito se vale do conceito de “sonhos” e de “realidade”, imaginário e real, esta distinção já está feita por ele, antes mesmo da análise. Pois temos uma experiência do real assim como do imaginário, a problemática está em explicar nosso saber primordial do “real”, descrever a percepção do mundo como aquilo que irá fundar a nossa ideia de verdade, por que ela se encontra na experiência e não na reflexão. Por isso, o mundo é aquilo que percebemos e não devemos nos indagar se percebemos verdadeiramente o mundo.

Eu visio e percebo um mundo. Se eu dissesse, com o sensualismo, que ali só existem "estados de consciência", e se eu procurasse, através de "critérios", distinguir minhas percepções de meus sonhos, eu deixaria escapar o fenômeno do mundo. Pois se posso falar de "sonhos" e de "realidade", se posso interrogar-me sobre a distinção entre o imaginário e o real, e pôr em dúvida o "real", é porque essa distinção já está feita por mim antes da análise, é porque tenho uma experiência do real assim como do imaginário, e o problema é agora não o de investigar como o pensamento crítico pode se dar equivalentes secundários dessa distinção, mas o de explicitar nosso saber primordial do "real", o de descrever a percepção do mundo como aquilo que funda para sempre a nossa ideia da verdade. Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13).

Não temos como fundar um pensamento que abarque toda a complexidade do existir, estaria traindo a minha experiência do mundo, pois o mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo, é inesgotável. Merleau-Ponty destaca o movimento

segundo o qual o ser é paradoxal, o sujeito é um corpo encarnado, seu mundo se revela nessa condição de existir que está sempre em um processo de perceber.

Para o filósofo francês, existe uma obscuridade do visível que possibilita o próprio processo de despertar, o qual, Merleau-Ponty chama do “invisível que se torna visível”, pois as coisas não estão no mundo, é preciso que elas sejam vistas para que existam, é nesse momento que percebemos a grande contribuição da arte em sua filosofia. Pois as obras de Cézanne irão demonstrar o movimento do artista de trazer o invisível para a visibilidade, lançado em uma vida voltada à percepção, o artista francês exerce um movimento contínuo de ver.

A ambiguidade presente na filosofia de Merleau-Ponty revela a ideia de existir no mundo proposta por ele. De acordo com o filósofo, o mundo é uma relação de diferenciações, e é nesse contexto que surge o movimento do invisível que se faz visível, por meio da visibilidade, proposta que transportamos a reflexão estética, ao analisarmos as obras de Cézanne, suas telas carregam um desvelar do mundo, um nascimento continuado, um retorno a percepção, um momento do mundo que estava invisível e foi posto a nós pela visibilidade do pintor.

O visível pode assim preencher-me e ocupar-me só porque, eu que vejo não o vejo do fundo do nada, mas do meio dele mesmo, eu, o vidente, também sou visível; o que faz o peso, a espessura, a carne de cada cor, de cada som, de cada textura tátil, do presente e do mundo, é que aquele que os apreende sente-se emergir deles por uma espécie de enrolamento ou redobramento, profundamente homogêneo em relação a eles, sendo o próprio sensível vindo a si e, em compensação, o sensível está perante seus olhos como seu duplo ou extensão de sua carne. O espaço, o tempo das coisas são farrapos dele próprio, de sua espacialização, de sua temporalização, não mais uma multiplicidade de indivíduos distribuídos sincrônica e diacronicamente, mas em relevo do simultâneo e do sucessivo, polpa espacial e temporal onde os indivíduos se formam por diferenciações. As coisas, aqui, ali, agora, então, não existem mais em si, em seu lugar, em seu tempo, só existem no término desses raios de espacialidade e temporalidade, emitidos no segredo da minha carne, e sua solidez não é a de um objeto puro que o espírito sobrevoa, mas é experimentada por mim do interior enquanto estou entre elas, e elas se comunicam por meu intermédio como coisa que sente. (MERLEAU-PONTY, 2017, p. 115)

Perceber não é se apossar do mundo, não se trata de uma inspeção do espírito, nem mesmo, uma simples redução a um acontecimento objetivo que se passa a uma natureza considerada em si, mas descobrir, por meio da percepção a presença dual de uma inerência vital e de uma intenção racional. Ou seja, sou um ser no mundo que é composto pelo sensível e pela racionalidade. Com base em Merleau-Ponty (2017), nunca vamos nos deparar com indivíduos puros, nem essências sem um espaço e tempo concebido, pois somos experiências, pensamentos que experimentam. Esse fato também nos revela a vibração ontológica presente no autor.

De fato, ao estarmos acostumados às circunstancia do mundo, a verdadeira existência nos escapa nas amarras da vida cotidiana. Merleau-Ponty nos possibilita refletir que aqueles que têm acesso a uma existência perceptiva, que toma o mundo como desvelar, processo contínuo de “vir-a-ser”, e que nos cede instantes do mundo que nos passam despercebidos, rompendo as clausuras das determinações, dando luz ao invisível para torna-se visível, são os artistas, estes nos proporcionam um momento único do mundo, fixam instantes desse espetáculo vivido que participamos sem perceber, um nascimento libertador de ser-no-mundo, um movimento continuado do invisível se tornar visível. (MERLEAU-PONTY, 1980).

Merleau-Ponty destaca o movimento de criação do artista, para ele, o pintor, o escritor e o filósofo, executam trabalhos de criação. O pintor, pinta o que nunca foi pintado, o escritor, diz o que nunca foi dito e o filósofo, pensa o que nunca foi pensado. O pensador francês reflete sobre as características que possibilitam esse processo criativo, relatando que o artista possui um espírito selvagem e é composto de um ser bruto. (MERLEAU-PONTY, 2011).

Para o filósofo, o espírito selvagem nasce de uma força de vontade de se externar, é o indivíduo que quer e que pode dar luz à uma expressão, Merleau-Ponty relata que o artista identifica algo que não está encerrado na vida vivida e que precisa ser visto, ser posto pela visibilidade, por isso, que o pensador salienta que toda obra possui um excesso daquilo que se pretendia dizer. De certo modo, toda obra tem uma lacuna em seu interior que permite uma nova criação, pois as obras são inesgotáveis, assim como o mundo. Esse movimento permite tornar visível o que estava invisível.

O ser bruto é aquele que não foi submetido à separação: entre sujeito e objeto, corpo e alma, percepção e pensamento. Um ser indiviso, que se apresenta como pura diferença interna. Para o filósofo, o sensível e o inteligível possuem uma relação simultânea, e são mecanismos interligados para vivenciarmos a existência, isso que se refere o ser bruto. A diferença interna está no fato do autor conceber que o mundo se apresenta para a visibilidade como relações de diferenciações, posições e oposições. Essas diferenciações que vão qualificar o mundo: perto, longe, alto, baixo, azul, verde, enfim vivenciamos o mundo e assim nós o qualificamos (MERLEAU-PONTY, 2000).

Dessa maneira, o artista é aquele que fixa e torna acessível aos demais humanos o espetáculo de que participamos sem perceber, possibilitando o despertar

para uma experiência única (MERLEAU-PONTY, 1980). A filosofia é sempre uma dúvida inacabada, assim como a arte é uma tarefa interminável, cada começo será promessa de um recomeço. As obras artísticas são captadas por conterem um excesso do que se queria dizer, um excesso que sempre possibilita uma nova criação, por conter sempre uma lacuna no seu interior.

Com base nessas contribuições sobre o pensamento do filósofo francês vamos conectá-las ao desvelar o conceito estético presente nas obras de Paul Cézanne. Um artista criticado, pelos chamados especialistas de arte que não entendiam a sua verdadeira expressão criadora.

2.2 O projeto estético de Cézanne

Cézanne ao envelhecer, se questiona se a novidade de sua produção artística não provinha do seu distúrbio visual, decorrendo deste o seu modo de olhar, de pintar e de viver. Eis o motivo de ele pensar que a sua pintura era originada de um acidente corporal, ou melhor, visual. Para ele, suas obras eram apenas tentativas de expressar a natureza, trazer à visibilidade uma percepção única do mundo. (MERLEAU-PONTY, 1980).

A primeira indagação que surge, ao questionar as obras de Cézanne, é se sua pintura foi um retrato de sua vida? Ou se ela se resumia à trajetória de sua existência? De fato, vida e obra, não se desconectam, assim como meu corpo não possui uma separação entre: “corpo e alma”. “É certo que a vida não explica a obra, porém certo é também que se comunicam. A verdade é que esta obra a fazer exigia esta vida” (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 122). E qual o significado dessa mescla de vida e obra, para entendermos sua produção artística?

Paul Cézanne trabalhava incessantemente em seus quadros, suas obras tinham inúmeras sessões para a produção de uma natureza morta, muito mais para pintar um retrato. Teve uma vida solitária, trabalhava sempre sozinho, não tinha alunos e nem apoio por parte da família e muito menos apoio da crítica especializada. Viveu para pintar e sua pintura foi sua maneira de existir no mundo. (MERLEAU-PONTY, 1980).

A insociabilidade, a incapacidade que o artista tinha de solucionar novas situações, a fuga nos hábitos, a oposição da convivência e uma liberdade de solitário, todos esses aspectos resultam em uma esquizoidia³. A sua pintura, direto da natureza

³ Esquizoidia – Conjunto de sintomas de predisposição à esquizofrenia, um transtorno de personalidade caracterizado por falta de interesse em relações sociais, tendência a um estilo de vida solitário, frieza emocional e apatia. Indivíduos afetados podem simultaneamente demonstrar uma

surge de sua fraqueza. É nesse momento que alguns chamados especialistas de arte, não compreendem o espírito criador de Cézanne e resumem sua obra ao caráter psicológico de sua vida. O próprio amigo de infância do artista Zola, não compreendeu a expressão criadora do gênio e teve a interpretação da pintura de Cézanne como uma manifestação doentia, pois ao olhar as obras do amigo, sua percepção estava voltada apenas ao caráter da vida do artista e não o sentido de sua obra. (MERLEAU-PONTY, 1980).

Ao se distanciar do contato humano, Cézanne concedeu sua atenção extrema à natureza. “Entregue a si mesmo, pôde olhar a natureza como só um homem sabe fazê-lo” (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 114). De fato, não conseguimos obter um conhecimento sobre sua produção artística, por meio da história da arte, tão pouco pelas características psicológicas da vida do pintor e de seu próprio depoimento. Será preciso uma reflexão estética fenomenológica para desvendar seu mistério.

Na história da arte o artista francês marca uma fase de transição do impressionismo para o pós-impressionismo. Os primeiros quadros até 1870 são chamados por Merleau-Ponty de sonhos pintados (MERLEAU-PONTY, 1980), que significa a forma de imprimir na tela seus sentimentos, de criar expressividade em torno de referências literárias bem sólidas, narrar situações por meio da pintura, são pintados com grandes traços, um estilo romântico ao realismo. Em seguida, sobre influência dos impressionistas em especial Pissarro⁴, Cézanne concebe sua pintura como um estudo preciso das aparências. O impressionismo decompunha uma imagem, queriam restituir na pintura a forma como os objetos atingem a visão. Não existe um destaque isolado na tela, o quadro é uma junção de cada pincelada para formar uma imagem, o conteúdo do quadro está ligado pela luz e pelo ar. Para produzir esse movimento os impressionistas utilizavam apenas as sete cores do prisma. Mas logo, o gênio criador se separa desse movimento e desenvolve uma pintura única e é esse momento ao qual pretendemos nos ater.

Cézanne elabora uma forma original de pintar, ao começar pela composição de sua paleta de cores, diferente dos impressionistas, que utilizavam as sete cores do prisma, o artista concebe dezoito cores: seis vermelhos, cinco amarelos, três azuis,

elaborada e exclusiva atividade interna imaginária, ou, demonstrarem uma criatividade significativa. (AURÉLIO, 2018).

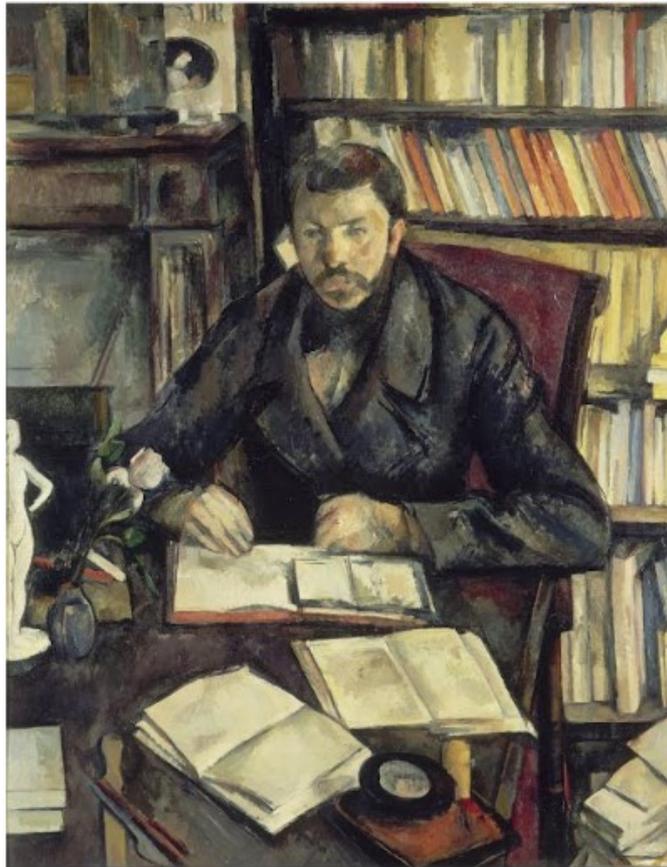
⁴ Pissarro – Jacob Camille Pissarro (1830 – 1903), foi um pintor francês, cofundador do impressionismo, o único artista que participou das oito exposições coletivas dos impressionistas de 1874 a 1886. (PISSARRO, 2018).

três verdes e um negro. O emprego das cores quentes e do negro sugere outra proposta desenvolvida pelo gênio, Cézanne quer reencontrar o objeto. (MERLEAU-PONTY, 1980).

Cézanne quer dar luz ao objeto que estava coberto de reflexos no intercâmbio da justaposição de cores e outros objetos, trazendo solidez e materialidade. Merleau-Ponty (1980) aponta que a pintura de Cézanne seria um paradoxo: procurar a realidade sem abandonar as sensações, sem ter outro guia senão a natureza da impressão imediata, sem enquadrar a cor pelo desenho, sem compor a perspectiva ou o quadro. Podemos perceber esse movimento em diversas características pictóricas de Cézanne, uma delas se refere à representação dos objetos no quadro. Ao olhar os objetos, o artista percebe que não seria fiel a sua realidade, se desenhasse o contorno dos mesmos, mas não delimitar contorno algum, deixaria o objeto solto e perdido no ar. Para solucionar este empasse o gênio criador utiliza-se da cor azul, contrastando-a no quadro, delimitando o objeto sem encerrá-lo por uma linha.

No quadro o retrato de Gustave Geffroy (1895), pintado por Cézanne, podemos observar exatamente a proposta fenomenológica do nascimento da percepção de Merleau-Ponty, nesse momento é possível identificar o entrelaçamento da arte e da filosofia, o ato do artista pintar conceitos descritos na filosofia merleau-pontiana. Pois ao analisarmos esta obra, percebemos que a mesa de trabalho em que está o protagonista do quadro vai contra as leis da perspectiva ao alongar-se na parte inferior da pintura, demonstrando a entrega ao campo perceptivo das sensações. Assim tanto Cézanne quanto Merleau-Ponty querem demonstrar que a percepção que é anterior ao ajuste da nossa reflexão.

Figura 1: Gustave Geffroy – Paul Cézanne (1895 – 1896)



Fonte: Google Arts & Culture (2018)

É este mundo primordial que Cézanne quer pintar e eis por que seus quadros dão a impressão da natureza à sua origem, enquanto que as fotografias das mesmas paisagens sugerem os trabalhos dos homens, suas comodidades, sua presença iminente. Cézanne nunca quis “pintar como um animal”, mas recolocar a inteligência, as ideias, as ciências, a perspectiva, a tradição em contato com o mundo natural que estão destinadas a compreender, confrontar com a natureza, como disse, as ciências “que dela vieram”. (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 116)

Assim Cézanne acaba sendo duramente criticado e incompreendido, pelos supostos críticos de arte, por não compreender a sua proposta estética. Entregue a percepção quis pintar a realidade sem abandonar as sensações. O que não parecia claro para seus críticos, pensar a arte em seus infinitos sentidos de suas propostas estéticas.

As deformações presentes em alguns de seus quadros têm um objetivo estético, elas congelam o nascimento da percepção, demonstrando como vemos o

mundo. É esse movimento da visão natural que o pintor pretende trazer para o visível. Merleau-Ponty se vale ao dizer que precisamos retornar ao nosso contato original com o mundo. Por isso, para o filósofo, Cézanne é um expoente de sua filosofia, pois suas obras tratam de um ser bruto, que não separou o sensível do inteligível, que foi fiel a natureza sem romper com as sensações, que fixou instantes do mundo que estavam perdidos no invisível, trazendo à visibilidade.

De fato, podemos dizer que a expressão artística presente nas obras de Cézanne se entrelaça ao pensamento merleau-pontiano, ao demonstrar o movimento do invisível tornando-se visível. Em outras palavras, quando o filósofo afirma que a verdadeira filosofia é reaprender ver o mundo, propõe uma recolocação sob o signo do olhar, sem substituir o mundo pela significação do mundo. É exatamente o que as telas de Cézanne nos revelam, um mundo vivido, que rompe as moralidades e os determinismos de qualquer natureza.

O pintor retoma e converte justamente em objeto visível o que sem ele permaneceria encerrado na vida separada de cada consciência: a vibração das aparências que é o berço das coisas. Para este pintor, uma única emoção é possível: o sentimento de estranheza; um único lirismo: o da existência incessantemente recomeçada. (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 120)

No quadro *Mulher com cafeteira*, produzido entre 1890 a 1894, Cézanne demonstra uma impessoalidade no modo de pintar. Para o artista, as formas de uma árvore, uma maçã ou de uma cabeça possuem uma estrutura, por meio, da manifestação de sua existência. Aprofundado numa meditação absorvente perante a natureza das coisas, desenvolve uma análise construtiva. Nesta pintura o artista cria uma linguagem pictórica que reproduz a objetividade de construção de uma imagem. As imagens do bule, da xícara e da mulher, são semelhantes, parecendo pertencer à mesma natureza de objetos estáticos.

Quadro 2: A Mulher com a Cafeteira – Paul Cézanne (1890-1894)



Fonte: Casthalia (2018)

Cézanne foi uma inspiração para o movimento cubista. Picasso se apaixonou pelo pintor ao se deparar com sua forma única de retratar a natureza, os objetos e os retratos. Por se desvincular da representação pictórica clássica e possibilitar uma arte que irá ultrapassar as determinações, na busca da fundamentação de uma proposta estética que está no entrelaçamento do ser bruto; uma composição entre sensibilidade e a racionalidade.

Cézanne ao olhar para o movimento impressionista percebe uma lacuna nessas obras. Nasce uma proposta estética que estava invisível e precisava ser posta à visibilidade pelo pintor, o que possibilitou ao artista francês fundar uma forma única de pintar, marcando uma fase do pós-impressionismo, consagrando Cézanne como gênio criador.

A dúvida de Cézanne surge da incompreensão da proposta estética do artista, e de sua própria insegurança como pintor. O artista duvidava de si mesmo, devido à impossibilidade de atingir a perfeição, de não conseguir traduzir toda a complexibilidade do mundo no quadro. Entregue à sua verdade como artista, proporcionou um ser-no-mundo que se revela por um nascimento continuado que suas telas continuam a nos doar, nas quais a razão não se sobrepõe ao sensível, mas são unidos e formam um ser indiviso.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história demonstra que a arte acompanha todo o desenvolvimento existencial humano. O homem precisa da arte, seja para se expressar por meio da mesma, ou para ser um mero espectador. De fato, o envolvimento com a expressão artística possibilita ao sujeito a experiência do sentir, conectando o indivíduo com a sua condição existencial de ser-no-mundo, humanizando e despertando o homem para o motor da sociedade, que é a criatividade. Por isso, a relevância do estudo estético desenvolvido neste artigo.

Por meio da reflexão estética pudemos compreender o entrelaçamento entre arte e filosofia, e como a relação entre o sensível e a racionalidade desperta para compor uma expressão artística. O que estava aparentemente invisível nas obras de Cézanne, Merleau-Ponty trouxe ao campo da visibilidade por meio de sua proposta filosófica.

Ao se debruçar sobre as obras do artista, o nosso filósofo demonstrou como as pinturas de Cézanne elucidam o seu pensamento filosófico. Os conceitos traduzidos na filosofia de Merleau-Ponty sobre a percepção, o visível e o invisível, tomam cor ao serem pintados na perspectiva estética de Cézanne.

Merleau-Ponty relata que toda obra possui um excesso daquilo que se pretendia dizer e, ao mesmo tempo, uma lacuna em seu interior, isso ocorre pelo fato de a arte possuir inúmeras possibilidades e de seu sentido nunca estar encerrado. A experiência estética é algo subjetivo, uma conexão única da obra com cada indivíduo, entretanto a obra está dentro de uma proposta estética, e foi essa áurea da verdade de Cézanne que buscamos elucidar nesta pesquisa.

Quando Merleau-Ponty escreveu A dúvida de Cézanne (1980) ele pretendeu demonstrar a genialidade do pintor que se entregou ao sensível sem abandonar a racionalidade. E quando o filósofo relata esta racionalidade de Cézanne, visa exprimir algo específico que está no campo de sua filosofia. Cézanne principalmente entre 1870 e 1890 ao pintar seus quadros retorna ao campo da percepção, sendo fiel ao nascimento do visível, congelando no quadro o nascimento da nossa visão, indo contra as leis da perspectiva, mas não contra a nossa forma de ver o mundo.

Cézanne rompe com toda a tradição impressionista da época, pinta como vê e como sente. Entregue às suas sensações, mas fiel à racionalidade, livre de todos os determinismos, e voltado à sua verdade como pintor, o artista criou um jeito único de pintar o mundo, reencontrou o objeto, trouxe materialidade com sua própria matiz de cor.

É sobre essa virada da fase impressionista para pós-impressionista, de Cézanne, que Merleau-Ponty se apropriou para demonstrar como a arte nos desperta para os conceitos filosóficos, e ao mesmo tempo nos propõe esclarecer porque o artista é consagrado como gênio criador. Cézanne trouxe uma proposta estética que rompe com toda a perspectiva de sua época, para Picasso, o artista era o único mestre, o herói da arte moderna.

Desse modo, o artista é aquele que consegue ter acesso a uma percepção única do mundo, que revela o que estava invisível até ser posta pela visibilidade do pintor. A conexão com a arte nos possibilita sair de nossa condição técnica, cotidiana, para sentir e indagar o que é ser-no-mundo? Qual o nosso papel nesta existência?

A alma transcende quando nos conectamos com o belo, um momento único e sublime, em que o homem ganha asas e voa de seu próprio corpo, de seu mundo físico e carnal. É preciso experienciar o sentir, para conectar o indivíduo com a sua humanidade que, por vezes, se apresenta adormecida nos entrelaços desta vida hodierna.

4. REFERÊNCIAS

BECKS-MALORNY, Ulrike. Cézanne. 1ª ed. São Paulo: Taschen do Brasil, 2005.

CAMILLE PISSARRO. Disponível em: < <https://www.camille-pissarro.org/biography.html>> Acesso em: 11 de Janeiro de 2018.

CASTHALIA, Brasil. Disponível em: <http://www.casthalia.com.br/a_mansao/obras/cezanne_cafeteira.htm> Acesso em: 15 de Março de 2018.

CHAUI, Marilena. Iniciação à Filosofia. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

CONNOLLY, Sean. A Vida e a Obra de Paul Cézanne. 1ª ed. São Paulo: Madras, 2005.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/busca.php?q=esquizoidia&gsc.q=esquizoidia>> Acesso em: 10 de Janeiro de 2018.

FAUCONNIER, Bernard. Cézanne. Trad. Renée Eve Levié. 1ª ed. Coleção L&PM Pocket, 2009.

GOOGLE ARTS & CULTURE. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/gustave-geoffroy/FwEReevoyrYFfg?hl=pt-BR>> Acesso em: 23 de Março de 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A Dúvida de Cézanne. Trad. Nelson Alfredo Aguilar. Os Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O Visível e o Invisível. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Palestras. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2003.

REVISTA CULT UOL. Brasil. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/merleau-ponty-a-obra-fecunda/>> Acesso em: 23 de Fevereiro de 2018.

REVISTA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO UFSM. Brasil. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2005/01/a10.htm>> Acesso em: 10 de Março de 2017.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/fenomenologia/>> Acesso em: 10 de Maio de 2018.

TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o tempo. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Contatos: carolina.ferrarezi22@gmail.com e pmaraujo@uol.com.br